



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA ELIZABETE DA SILVA NUNES

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO
DE JOVENS LEITORES.**

SOUSA – PB

2017

MARIA ELIZABETE DA SILVA NUNES

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO
DE JOVENS LEITORES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba para obtenção do título de Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª. Dra. Gírlene Marques Formiga.

SOUSA-PB

2017

MARIA ELIZABETE DA SILVA NUNES

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO
DE JOVENS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras a Distância do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba como obtenção do título de
Graduado em Letras com habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Girlene
Marques Formiga.

Aprovado em 24 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Girlene Marques Formiga

Orientadora: Prof^ª. Dra. Girlene Marques Formiga- IFPB

Orientadora

Rosangela Vieira Freire

Prof^ª. Dra. Rosangela Vieira Freire – IFPB

Examinadora

Marta Célia F. Feitosa

Prof^ª. Marta Célia Feitosa – IFPB

Examinadora

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. A minha filha Emylly e aos meus pais Julião e Margarida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por renovar as minhas forças nos momentos de angústia, a minha fé e minha autoconfiança, quando pensava que não conseguiria chegar ao fim dessa caminhada.

A meus pais Julião e Margarida, que sempre me apoiaram e lutaram muito, sem medir esforços, para que pudesse seguir com os estudos.

Aos meus professores do Curso de Licenciatura em Letras, pelos conhecimentos compartilhados, pela dedicação, compreensão diante das dificuldades surgidas e pelo profissionalismo.

À minha orientadora, Professora Girlene Marques, pelo carinho, paciência, por suas valiosas sugestões e ensinamentos, e pelo seu profissionalismo.

A todos os meus amigos, que me ajudaram, me apoiaram sempre que precisei, por renovar meu ânimo nos momentos de cansaço e desestímulo.

Aos meus colegas de turma do Curso de Letras, pelo companheirismo, pelo trabalho coletivo, e principalmente pela união em todos os momentos.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho visa aviventar as discussões em torno da importância da literatura infantojuvenil na escola para o processo de formação de leitores em sua educação literária bem como apresentar metodologia capaz de estabelecer um contato efetivo com o texto literário. Assim, a pesquisa buscou, a partir de vivências durante o período de Estágio Supervisionado, realizadas com estudantes do 9º ano da Escola Estadual Bernardino Bento, localizada na cidade de Aguiar- PB, averiguar as contribuições da literatura infantojuvenil na formação de jovens leitores, como também discutir e refletir se o ensino da literatura, de fato, desperta o interesse pela leitura de textos literários em sala de aula. Os procedimentos metodológicos adotados para coleta dos dados e investigação ocorreram por meio das observações pedagógicas e práticas de leitura desenvolvidas, notadamente, por intermédio da leitura dos poemas de Cecília Meireles, *Sonhos da Menina* e *A Língua do Nhem*. Como referências para sustentação das ideias apresentadas e compreensão de métodos utilizados em leitura literária, valemo-nos dos estudos de Lajolo (2008, 2007, 2001), Zilberman (2007, 2005, 2003, 1998, 1989), Coelho (2000, 1991), Bordini e Aguiar (1993), dentre outros, que buscam discutir a importância da literatura infantil e juvenil na vida do indivíduo em processo de formação intelectual, social, afetivo, problematizando o espaço da literatura na escola e a maneira como o professor desenvolve suas práticas em sala de aula, com vistas à promoção leitora de crianças e jovens.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil na escola; formação de leitores; textos literários.

ABSTRACT

The present work aims to revive the opinions about the importance of children's literature in school for the teacher of literacy training in the literary education as well as to present a methodology capable of establishing an effective contact with the literary text. Thus, the research sought to learn from experiences during the period of Supervised Internship, carried out with a student of the 9th year of Bernardino Bento State School, located in the city of Aguiar-PB, to investigate the contributions of children's literature in the training of young readers, such as Also to discuss and reflect on whether literacy teaching actually arouses interest in reading literary texts in the classroom. The methodological procedures adopted for data collection and investigation took place through pedagogical observations and reading practices developed, notably through the reading of the poems De Cecília Meireles. As references to support the ideas presented and understanding the methods used in literary reading, we use the studies of Lajolo (2008, 2007, 2001), Zilberman (2007, 2005, 2003, 1998, 1989), Coelho (2000,1991), Bordini and Aguiar (1993), among others, who seek to discuss the importance of children's and youth literature in the life of the individual in the process of intellectual, social and affective formation, problematizing the space of literature in school and the way the teacher develops his practices in the classroom with a view to the promotion of children and young people.

Keywords: Children and youth literature at school; readers training; literary texts.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade cada vez mais desenvolvida tecnologicamente, na qual as pessoas têm fácil acesso ao uso dos aparelhos tecnológicos, principalmente os produtos de divertimentos virtuais que parecem tomar conta cada vez mais da vida dos jovens. Diante desse cenário atual de uso abusivo ao mundo virtual, tem sido um grande desafio da escola e familiares competir ou até compartilhar o incentivo ao gosto das crianças e jovens pela leitura com as inovações tecnológicas que surgem continuamente. A esse respeito, Setzer (2011, p. 40) assevera:

Os meios eletrônicos (TV, videogames, computador e internet) estão sendo cada vez mais usados por crianças e adolescentes. Esse verdadeiro ataque à infância e à juventude começou entre nós na década de 1950, com o advento da TV. No entanto, há diferenças brutais entre aquela época e a presente. Por exemplo, a TV penetrou nos dormitórios das crianças, pois em geral os pais compram um aparelho novo e o velho não é jogado fora; aparelhos portáteis como jogos eletrônicos e celulares conectados à internet podem ser usados em qualquer lugar. Com isso, os pais perderam totalmente o controle do que os filhos veem e fazem com os aparelhos.

A dependência dos jovens aos aparatos tecnológicos acontece de tal forma que correm o risco de se distanciarem de aspectos importantes para a sua formação cidadã, como é o caso da leitura. No caso específico da literatura, os estudiosos e até o próprio mercado livresco parecem ter compreendido que estar *online* é parte do universo desses jovens leitores, já que mais recentemente lançaram mão de instrumentos informatizados para estabelecer interação entre leitor, texto literário e mundo digital. Numa clara defesa em prol da relação literatura e informática, Jobim (2005, p. 118) afirma que “em ambiente digital, a plataforma física (hardware e software) em que o livro se apresenta pode ser considerada ‘artefato de leitura’, indispensável para que o leitor tenha acesso ao texto.” A partir da realidade tecnológica que prende tanto a atenção dos jovens, é necessário que nos cerquemos desse universo em favor de procedimentos capazes de contribuir para o acesso à literatura.

Partindo dessas questões, a motivação desta pesquisa nasceu da necessidade de refletir sobre como a literatura infantojuvenil, que busca atender as particularidades dessa faixa etária, é ofertada nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura e se, de fato, tem contribuído para despertar o gosto pela leitura literária. Assim, valemo-nos do Estágio Supervisionado do curso de Letras do IFPB, atividade obrigatória nas Licenciaturas, para o apoio da articulação entre as teorias estudadas durante o curso e a sua aplicabilidade no ambiente escolar. Embora

as vivências em todas as etapas do Estágio tenham contribuído para a realização desta pesquisa, as reflexões que apresentamos foram construídas a partir de observações da prática pedagógica em uma turma de 9º ano da Escola Estadual Bernardino Bento, localizada na cidade de Aguiar na mesorregião do sertão paraibano. Por meio da pesquisa descritivo-interpretativa de cunho qualitativo, foi possível relacionar as teorias atinentes à abordagem do texto literário a uma prática vivenciada em sala de aula com vistas à compreensão de métodos eficientes utilizados em leitura literária, notadamente no que se refere à poesia.

A prática da leitura é primordial no aprendizado da língua e no fortalecimento do prazer da leitura de textos, haja vista serem a quantidade de opções e acessos aos textos que possibilitam o educando construir o seu universo de leitura. Nessa perspectiva, este trabalho busca discutir como a Literatura Infantojuvenil é ofertada aos educandos no Ensino Fundamental II, sua contribuição para formar “novos leitores”, assíduos, competentes, críticos e apaixonados pela leitura, notadamente a de textos literários, considerando o seu universo de significações desse gênero em razão dos múltiplos sentidos provocados por esta atividade. Em cumprimento aos propósitos de compreender, refletir e discutir sobre a importância da literatura infantojuvenil na formação de leitores, além da observação e das leituras crítico-teóricas realizadas, apresentamos uma prática de leitura dos poemas, "Sonhos da menina" e "A Língua do Nhem", extraídos da obra *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles, a partir do Método Recepcional, abordado por Bordini e Aguiar (1993).

Para fundamentar esta pesquisa, com vistas a analisar as situações observadas e vivenciadas em sala de aula no Ensino Fundamental e a necessidade de buscar novas estratégias de leitura que favoreçam a prática leitora de textos literários, foram consideradas obras de renomados críticos e estudiosos da área, que discutem sobre o tema, como Lajolo (2008, 2007, 2001), Zilberman (2007, 2005, 2003, 1998, 1989), Coelho (2000, 1991), Bordini e Aguiar (1993). Partimos da concepção de Lajolo, para quem o indivíduo que deve atuar de forma plena na sociedade precisa apossar-se da linguagem literária.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106).

Tomando como base a concepção da estudiosa acerca da importância da Literatura na formação do leitor, percebemos a necessidade de inserir as crianças e jovens no universo da leitura desde cedo. Nesse sentido, reconhecemos a leitura de textos literários como um bem fundamental na vida de qualquer ser humano, razão pela qual deve ser iniciada nos primeiros anos de vida, quando os educadores juntamente com a família e todos os envolvidos com a educação das crianças devem promovê-la. Em vista de a leitura ser um ato relevante no cotidiano de alguns estudantes na escola, cabe ao professor desenvolver estratégias que favoreçam ao educando o acesso às obras não somente como obrigação, mas como forma de compreendê-las e relacioná-las com o mundo à sua volta, de modo a construir novos significados do que foi lido. Desse modo, formar leitores tem sido um dos grandes anseios de professores e estudiosos dedicados à formação leitora dos jovens, e, para formá-los, é necessário que o professor goste de ler, traga para sala de aula a sua intimidade com os livros e metodologias capazes de despertar o interesse desses estudantes.

Com base nesse pensamento, as reflexões aqui apresentadas, construídas a partir das observações e prática pedagógica em sala de aula no período de Estágio Supervisionado, foram organizadas da seguinte maneira: Na *Introdução* são apresentados os objetivos, a justificativa, e os aspectos metodológicos da pesquisa. A segunda seção, denominada *Literatura Infantojuvenil e formação de leitores*, trata de uma breve contextualização histórica da literatura destinada aos jovens leitores e o seu processo de formação em leitura literária. A terceira seção, nomeada *Literatura na sala de aula: Relatos de experiências de leitura de poemas no 9º ano do Ensino Fundamental*, aborda a experiência e método utilizado para desenvolver a prática leitora com poemas em sala de aula. Por último, as Considerações finais trazem à tona a discussão dos resultados obtidos na pesquisa com uma reflexão crítica sobre a importância do ensino da literatura em sala de aula, bem como as Referências, indicando os títulos de obras e trabalhos de estudiosos que contribuíram para fundamentar as ideias apresentadas neste trabalho.

2. Literatura Infantojuvenil e formação de leitores

Formar leitores tem sido um dos grandes desafios que professores, especialmente de Língua Portuguesa e Literatura, vêm enfrentando, o que não tem sido uma tarefa fácil devido à facilidade ao acesso às novas tecnologias digitais, que a cada dia ganha mais espaço entre os mais jovens, tornando-os devotados a esses instrumentos eletrônicos. Multiplicados e

diversificados cada vez mais pelo mercado industrial e tecnológico, esses dispositivos digitais acabam atraindo ainda mais os jovens e podem afastá-los cada vez mais da leitura literária se não torná-los aliados ao desenvolvimento dessa atividade. Segundo Rojo (2013, p. 7), é fundamental que a “instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas”. Seguindo a perspectiva de Rojo, se considerarmos que as tecnologias da informação e da comunicação possibilitam e potencializam a divulgação de textos por meio da fluidez e mobilidade do universo tecnológico, ou seja, a crença de uma escola conectada aos multiletramentos, certamente é possível os professores utilizarem estratégias a favor da convivência harmoniosa entre livros e tecnologia. Vivendo em uma sociedade cada vez mais desenvolvida tecnologicamente, é inegável que a escola bem como os profissionais que nela trabalham devem acompanhar esse desenvolvimento, para que possam lidar com essa geração de jovens, consumidores/usuários dos novos instrumentos digitais.

Hoje a tecnologia em excesso influi no distanciamento dos jovens e crianças do mundo da leitura, porém é preciso saber equilibrar as duas atividades, porém a internet, TV, jogos eletrônicos são concorrentes fortes dos livros, o ideal é sempre incentivar a prática da leitura nas crianças que ainda em formação social e intelectual podem usar a tecnologia, sem omitir-se do uso dos livros e o hábito da leitura. (PEREIRA, p. 11, 2014)

Seja por meio de artefato digital ou de cultura escrita, é certo o papel da escola na formação de jovens leitores. Para consolidar sua função, deve criar possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do interesse desde cedo pela leitura por intermédio de textos atrativos e significativos para tais leitores, incluindo-se evidentemente os de literatura. Ao discutir o panorama da arte literária para crianças e jovens, Serra (1998, p.99) assegura que “a força e a importância do texto literário devem ser apresentados com clareza para os alunos, contribuindo para que eles desejem e dele apropriem-se, como seu”. Para atingir esse propósito, porém, é necessário que o professor seja um leitor, um conhecedor das obras literárias, já que esse aspecto favorece o compartilhamento dos significados de uma obra com os estudantes. A respeito da importância do professor ser um leitor competente, Lajolo atesta:

O professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa. Freqüentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera *preferência*. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de camões nem de Machado. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los (LAJOLO, 2008, p.22).

Atualmente temos muitos escritores brasileiros que se dedicam a escrever obras destinadas ao público infantojuvenil, tendo a preocupação em despertar e chamar a atenção das crianças e dos jovens para uma leitura que lhes faz sentido, por exemplo, Ana Maria Machado, autora, dentre outras obras, de *Menina Bonita do Laço de Fita*, *O domador de monstros*, *O Mistério da Ilha*, *Do outro mundo*; Ruth Rocha, autora de *Marcelo, Marmelo, Martelo*, *O reizinho mandão*, *Quem tem medo do quê?* *A máquina maluca*; Lygia Bojunga, com a produção de *Os colegas*, *A bolsa Amarela*, *O meu amigo pintor*, *Corda Bamba*. Essas autoras certamente trilharam o caminho de Monteiro Lobato, que por volta dos anos 20 do século passado já registrava sua marca de autor e tradutor de destaque na literatura voltada para crianças e jovens. Assim como Lobato, outra escritora que se destaca como fundadora da literatura infantojuvenil brasileira é Cecília Meireles, autora de um dos livros mais importantes da literatura infantil *Ou Isto ou Aquilo*, obra que reúne dois dos poemas que serão abordados neste trabalho, quais sejam: "Sonhos da Menina" e "A Língua do Nhem".

Nos dias de hoje, é possível verificar a ampliação do espaço que a literatura infantil e juvenil tem ganhado no meio editorial, os livros destinados às crianças e jovens apresentam uma imensa diversidade temática e de gêneros, além das discussões que o tema vem alcançando no meio acadêmico e nos organismos oficiais. Muitas reflexões são feitas e questionamentos são lançados a cerca da aproximação das crianças e dos jovens com a leitura. A estudiosa no tema, Januária Cristina Alvesibi, vencedora do Prêmio Jabuti em 2014 com a obra *Para ler e ver com olhos livres*, em entrevista concedida à revista eletrônica Carta Educação, em resposta à indagação a quem compete a educação literária, defende a responsabilidade da família, da escola e de toda sociedade, “que deve disponibilizar elementos, propiciar diferentes experiências e compartilhar os diversos significados das possíveis leituras da realidade para que as crianças sejam educadas para essa leitura mais ampla” (ALVESIBI, 2016, p.1). Mesmo em plena concordância com o posicionamento da autora sobre os medidores da educação literária, assinalamos que esta pesquisa foca, sobretudo, na competência da escola, que deve disponibilizar as crianças e aos jovens

diferentes textos, para que a partir das experiências pessoais possam atribuir sentido e significações às leituras realizadas.

A literatura infantojuvenil assume um importante papel na formação do leitor quando ofertada e trabalhada de forma que o leitor compreenda suas funções diversas, atribuindo-lhe sentido que se relaciona com a sua vida e com a vida do outro, apto a ampliar o seu universo de expectativas. Em se tratando do ambiente escolar, cabe ao professor desenvolver metodologias que despertem no estudante o gosto para esse tipo de leitura. Já no que se refere à escolha das obras, não podemos nos furtar de apresentar uma variedade de gêneros da literatura. Assim, a poesia, o drama e a narrativa devem estar no cardápio do estudante. Antes, porém, de passarmos para essa discussão, faremos um breve percurso histórico sobre o processo de formação de leitores no nosso país.

2.1. Um breve percurso sobre o processo de formação de leitores no Brasil: Influências das traduções e adaptações

A história da literatura brasileira sempre foi influenciada pela cultura e pela literatura europeia, pois muitas traduções e adaptações de obras literárias europeias foram feitas visando atender às necessidades e ao gosto do jovem leitor, conforme assevera Formiga (2009, p. 32)

“[...] mesmo sendo feitos para adultos, alguns livros caíam no gosto das crianças e até hoje são considerados clássicos no gênero da literatura infantil, como as fábulas de La Fontaine, século XVII, inspiradas na obra do grego Esopo, do século VI a. C; os contos de Perrault e de Fénelon no século XVII; e os primeiros modelos de romances modernos Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, e Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, no século XVIII.”

Foi por meio do artefato da tradução e adaptações que muitos leitores brasileiros tiveram acesso a textos literários de outras nacionalidades. Mesmo não existindo obras destinadas especificamente ao público infantil e juvenil em uma determinada época no Brasil, esses leitores se apropriavam dos livros que lhes eram ofertados, e essas obras traduzidas e adaptadas ganharam o gosto dos leitores infantis aqui no Brasil.

A literatura infantil no Brasil teve sua origem tardiamente, já que seu surgimento ocorreu com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada do rei D. João VI ao nosso país (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007). No período do Brasil República é que se começa a brotar o espírito de ideologia nacional, quando escritores brasileiros começam a

produzir obras voltadas para o público infantil e juvenil, pois antes disso o que tínhamos da literatura infantojuvenil era de influência das traduções e adaptações europeias, como destacam Lajolo e Zilberman

Como sistema autônomo de textos e autores postos em circulação junto ao público, a história da literatura brasileira para a infância só começou tardiamente, nos arredores da Proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, P. 11).

Segundo as autoras, as primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro somente na primeira metade do século XVIII. No período do Brasil colônia, a oferta de livros que circulava aqui era muito pouca, posto que em sua maior parte era constituída de livros sagrados, fato justificado em razão de uma época em que a tipografia pouco existiu e os poucos escritos eram destinados ao clérigo e a corte. Nessa época, os livros de maior aceitação que circulavam no país eram *Viagens de Gulliver* e *Robinson Crusóé* como citados anteriormente, que foram traduzidas e adaptadas para crianças, como também obras que circulavam no país e que não eram destinadas ao público infantojuvenil como, por exemplo, *As Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, *Paraíso Perdido*, de John Milton, *Lusíadas*, de Camões, dentre outras.

Para a compreensão do percurso e consolidação da literatura para jovens leitores no Brasil, é indispensável as contribuições de Leonardo Arroyo (1988), autor pioneiro no estudo sobre a literatura infantil brasileira. Em seu livro – organizado em seis capítulos: I. Introdução, II. A literatura oral, III. A paisagem cultural, IV. A literatura escolar, V. A imprensa escolar e infantil e VI. A literatura infantil – Arroyo (1988) revela que a literatura infantil teve sua origem fortemente da tradição oral, sendo transmitida por meio da contação de histórias, e que esta também foi influenciada pelas culturas dos povos que para aqui vieram no período de colonização do nosso território, como europeus, africanos e indígenas, contribuindo para a produção da literatura infantil brasileira.

Arroyo (1988, p. 65) também delimita o espaço escolar como responsável pela criação do livro infantil e é enfático ao afirmar que o “estudo de desenvolvimento da educação entre nós mostra que somente com a fundação de escolas, formação de professores, advento de livros de textos, possibilitou-se o aparecimento de uma literatura, a escolar, intimamente ligada, à literatura infantil propriamente dita”. Ainda segundo Arroyo,

As observações em torno dos primórdios do aparecimento da literatura infantil no Brasil indicam que o gênero do ponto de vista histórico baseou-se na literatura de leitura escolar. Isto é, naqueles livros, numerosos simplesmente destinados a fornecer leitura aos meninos nas escolas. (ARROYO, 1988, p. 120).

Vimos que a literatura infantil possui um vínculo muito estreito com a literatura escolar, pois esta teve seu desenvolvimento nos bancos escolares com intenções didáticas, pedagógico/moralizantes. Da necessidade quanto à oferta do ensino no país, os livros, especialmente, dedicados à infância, possibilitaram o surgimento da literatura infantil.

Nesse cenário de surgimento da literatura infantil brasileira, não poderíamos deixar de mencionar as contribuições de Alberto Figueiredo Pimentel, um dos precursores da literatura infantil no Brasil, responsável por traduzir e adaptar vários contos europeus, como, por exemplo, contos de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Em suas obras *Contos da Carochinha* (1894), *Histórias da Avozinha* (1896), *Histórias da Baratinha* (1896) e *Contos de Fada* (1896), Pimentel buscou resgatar o sentimento do popular e o mundo das maravilhas dos contos de fadas, segundo Arroyo (1988) através de uma linguagem solta, livre, espontânea e bem brasileira para o tempo subvertendo, assim, os cânones da época. Em referência a Figueiredo Pimentel, Duarte e Formiga (2006, p. 03) afirmam:

Em suas obras destinadas ao público infantil, Figueiredo Pimentel passou a dedicar-se a adaptações de contos de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen, mas seu trabalho não se limitou a trazer as obras desses escritores para o mundo literário infantil, ele também contribuiu criando seus próprios escritos.

Suas obras, caracterizadas por uma linguagem espontânea, diferenciavam-se, nesse aspecto, do que circulava para as crianças naquela época, além de trazer temáticas de exaltação à pátria, socializadora e moralista.

Outro autor que merece destaque nesse contexto dos precursores da literatura infanto-juvenil é Monteiro Lobato. Arroyo (1988) faz menção a sua genialidade no universo da escrita destinada às crianças, que marca uma nova fase da nossa literatura, ao criar o sítio do Pica-pau Amarelo e suas personagens emblemáticas. D. Benta, Tia Anastácia, Tio Barnabé, Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa, Rabicó, Quindim e outros personagens encantaram e encantam gerações, atizando a imaginação, o pensamento crítico do mundo a nossa volta por meio das ações dos personagens.

Embora estreando na literatura escolar com Narizinho Arrebitado, Monteiro Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo À Imaginação em harmonia com o complexo

ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão - toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renova inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. Fase essa expressa, geralmente, num português já de si divorciado do que se falava no Brasil. (ARROYO, 1988, p. 198).

A obra *Monteiro Lobato, livro a livro – obra infantil* (2009), organizado por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini, ganhadora do Prêmio Jabuti 2009 na categoria não ficção, constitui uma amostra da rica produção desse autor. Já na apresentação do livro, os autores revelam que Lobato é, sobretudo, uma “imagem carinhosamente guardada na memória de muitas gerações e ocupa lugar de destaque na literatura brasileira”.

Matozzo (2009) reitera o fato de Lobato ser considerado um nacionalista que buscou, por meio de suas personagens, integrar costumes e lendas do nosso folclore, aspectos da natureza e um olhar crítico aos problemas sociais, econômicos, culturais e políticos da época. Além disso, reforça um universo para criança, criado por Lobato, em que o folclore e o nacionalismo na ação das personagens refletem a brasilidade, a linguagem, comportamentos e a relação com a natureza.

É com Monteiro Lobato que se inicia uma nova fase da literatura infantojuvenil nacional brasileira, em que se dá a ascensão da literatura voltada para esse público, que, desde então, não parou de crescer e que atualmente vem ganhando espaço nas escolas, nos debates relacionados ao tema, nas mídias e na escrita de autores engajados em produzir para crianças e jovens. Essa produção da arte literária, a nosso ver, que é concebida, no dizer de Coelho (2000, p. 26), como “uma espécie de ‘fio de Ariadne’ que poderia indicar caminhos, não para sairmos do ‘labirinto’, mas para conseguirmos transformá-lo em ‘vias comunicantes’ que a concepção do mundo atual exige.”

A escrita Lobatiana foi, sem dúvida, um divisor de águas no que concerne à literatura para crianças, como afirma a estudiosa Coelho (1991, p. 225), para quem “a Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”. Além de escrever textos para crianças, ele também foi responsável por traduzir e adaptar muitas obras da literatura europeia para o público infantil e juvenil no nosso país. Lobato sempre teve grande preocupação em formar um país de leitores, buscou inserir em suas obras elementos educativos, com seu empenho e dedicação com a

literatura. Como mostra a expressão usada pelo escritor “um país se faz com homens e livros”, fica clara a ideia de que Lobato fazia acerca da importância da literatura e de que acreditava que esta tem o poder de formar uma sociedade e indivíduos melhores.

Inúmeras obras literárias, conforme pesquisa realizada por Formiga (2009, p. 157), “chegaram às mãos de muitos brasileiros pela tradução e adaptação de Monteiro Lobato, autor e editor de grande destaque no cenário brasileiro do século XX, quando se evidencia a necessidade de criação de livros infantis que tivessem uma identidade brasileira”. Ainda segundo a pesquisadora,

consta dessa época quando a produção destinada à infância ainda se constituía praticamente de livros franceses importados de Portugal, sendo, portanto, vertidos para um português que não era o falado no Brasil. Dada à disparidade existente entre a língua de Portugal e a nossa, os livreiros-editores se lançaram num movimento em prol da nacionalização do livro infantil, e, para tanto, recorreram aos homens das letras, escritores, professores, jornalistas, com o propósito de que os traduzissem e/ou adaptassem à compreensão dos brasileiros. Nesse contexto de nacionalização do livro e de criação de uma literatura voltada para o leitor infantil, surge, entre outras, a produção literária de Monteiro Lobato (FORMIGA, 2009, p. 157).

Portanto, pode-se dizer que foi a partir das obras de Monteiro Lobato que a literatura infantojuvenil ganha notoriedade no cenário literário brasileiro, passando a assumir um papel importantíssimo na vida do indivíduo em processo de aquisição e desenvolvimento do conhecimento, tornando-se uma ferramenta através da qual o indivíduo seja capaz de construir e ampliar seus horizontes por meio da leitura. Assim sendo, Lobato foi um grande divulgador da cultura brasileira, uma vez que, por meio de suas obras, buscou levar até as crianças todo esse encanto, essa magia da nossa cultura, do nosso folclore através de personagens que encantaram gerações, e que, por meio de suas aventuras e experiências vividas, tinham por objetivo informar e formar leitores críticos, sem abrir mão da diversão, da imaginação, da fantasia, do sonho, da magia que envolve a literatura. Tais aspectos literários certamente devem constar das obras que são apresentadas ao leitor infantil e juvenil no universo escolar, conforme discutido a seguir.

Cecília Meireles é outra autora que compõe o grupo de referências históricas na literatura infantojuvenil e no protagonismo sobre a educação brasileira da primeira metade do século XX, mas a ela cabe uma seção à parte, já que apresentamos neste trabalho uma prática de leitura envolvendo poemas de uma de suas mais célebres obras *Ou Isto ou Aquilo*.

2.2. A literatura infantojuvenil na escola

Na Idade Média não havia a preocupação em distinguir crianças de adultos, pois estas não eram vistas como indivíduos com necessidades específicas, felizmente esse pensamento foi mudando a partir do século XVIII, quando a infância passou a ser mais valorizada em decorrência das mudanças ocorridas na sociedade. Com o surgimento da industrialização, a infância começa a ser pensada de forma particular, conforme destaca Dieter Richter (apud ZILBERMAN, 2003):

Na sociedade antiga, não havia a “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos (RICHTER, 1977, p. 36 apud ZILBERMAN, 2003, p. 36).

Os primeiros livros para crianças, ainda segundo Zilberman (2003), foram produzidos em fins do século XVII e durante o século XVIII.

Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância”. Hoje, a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

É nesse cenário de constantes mudanças que surge a literatura infantil, onde a criança passa a ser vista como um indivíduo com particularidades diferentes a dos adultos e passa a ter na família e na escola um lugar especial de valorização dessa faixa etária. Na contemporaneidade, o conceito de criança e jovem tem mudado bastante, visto que se tem pensado de forma mais particular o conceito de criança e jovem, diferenciando, dessa forma, do conceito de adulto, o que não acontecia na sociedade medieval. Muito se tem pensado e criado uma literatura voltada para essa faixa etária, assim como muitos teóricos vêm dando especial atenção a estudos com esse público alvo, crianças e adolescentes. Como assinala Zilberman (2005, p. 11), “a literatura infantil brasileira oferta ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações”.

O termo literatura infantil parece priorizar o fio discursivo desta pesquisa em torno das questões que incluem também a juvenil, mas aqui arriscamos uma explicação. Os livros de literatura que tratam dos aspectos teóricos, críticos, históricos e metodológicos sobre o gênero

destinado a crianças e jovens no país designam prioritariamente, em seus títulos, o adjetivo infantil, embora trate também do juvenil. É certo que mais recentemente, talvez em decorrência dos dispositivos legais responsáveis pelo estabelecimento de parâmetros por faixa etária, a marcação tenha se tornado mais evidente. Alguns pesquisadores têm apresentado produções teóricas com a denominação infantojuvenil expressa, a exemplo de Gloria Pimentel Correia Botelho de Souza, com o livro *A literatura infantojuvenil brasileira vai muito bem, obrigada!*, de Joao Luis C. T. Ceccantini, com *Leitura e Literatura Infanto - Juvenil: Memória de Gramado*, e de Teresa Colomer, com o livro *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*.

Já Hunt (2010), para quem, no lugar de literatura infantil, o termo mais adequado fosse “textos para criança”, admitindo a flexibilidade de sentidos para as três palavras, no prefácio à edição brasileira, intitulado “Redefinindo a literatura infantil”, assegura:

Embora seja possível fazer algumas generalizações sobre como uma cultura ou sociedade constroem a criança – e como as editoras fizeram e fazem suposições (provavelmente autorrealizadoras) –, “a criança” é um conceito infinitamente variado, de uma casa para outra, e de um dia para outro. Ao falar sobre livros para criança, algumas generalizações devem ser feitas, ou a linguagem se torna incontrolável, porém não se pode esquecer o fato de que o conceito de criança é um problema sempre presente para a crítica da literatura infantil. (HUNT, 2010, p. 291).

Justificada essas questões que gravitam ao redor do conceito instável para a infância, retornemos ao papel da literatura infantojuvenil no universo escolar. A escola sempre foi apontada como um espaço privilegiado para transmissão e aquisição do saber, pois é na escola, enquanto espaço organizado formal, que se propaga o conhecimento e a aprendizagem, além de promover comportamentos leitores, incluindo-se a educação literária.

Diante das constantes transformações que ocorrem na sociedade, é preciso que a escola juntamente com os profissionais nela envolvidos estejam preparados e capacitados para atender às expectativas da sociedade em formar cidadãos para a vida ética, intelectual, social e afetiva, inovando e renovando suas práticas pedagógicas. Esse entendimento nos permite afirmar que, na atualidade, não cabe mais a escola pensar a literatura como mero instrumento para desenvolver habilidades de leitura distante de aspectos que lidam com a experiência concreta de textos, estabelecendo um diálogo perene entre leitor e texto. Conforme assegura Coelho (2000, p. 15), “a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”.

Nesse sentido, cabe à escola formar leitores competentes, críticos, éticos, autônomos, capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Daí a necessidade de adoção e execução de políticas voltadas à formação e qualificação docente, reforçando o discurso de que é imprescindível o professor ser um leitor para que seja capaz de despertar o gosto de seus alunos pela leitura. Corroborando a afirmação de Alvesibi em entrevista, concedida à revista Carta Educação (2016, p. 01), “é preciso resgatar o leitor que há no professor, pois ninguém leva alguém a um lugar que nunca esteve”.

A partir do pensamento da especialista, percebe-se quanto é importante um comportamento leitor do professor para que possa desempenhar com sucesso o papel de mediador entre o texto e o estudante, no caso o leitor. Nesse sentido, a literatura deve ser levada para sala de aula com propostas diversificadas, de modo que o lúdico seja valorizado, permitindo ao educando refletir sobre o que leu, com liberdade para criar seu universo de significação, podendo relacionar o que leu com o contexto e com o mundo. Em outras palavras, construir nas entrelinhas o seu próprio entendimento, tendo o professor como mediador dessa prática.

Infelizmente, ainda se observa que a literatura não tem ocupado um lugar de destaque na escola. Alguns professores atribuem o fato ao excessivo conteúdo da matriz curricular e, conseqüentemente, ao pouco tempo para desenvolver atividades atinentes à literatura em sala de aula. A falta de preparo do professor para trabalhar a literatura é outro fator relevante que tem contribuído para que a literatura não tenha o espaço privilegiado dentro da escola e a real importância que lhe cabe na formação do sujeito. A esse respeito, Lajolo destaca a relevância da literatura na formação do indivíduo, favorecendo a formação da identidade e na leitura do mundo de forma crítica e autônoma, uma vez que

a literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um (LAJOLO, 2001, p. 44).

A literatura é, pois, uma porta para a formação de indivíduos capazes de ver o mundo de forma mais humanizada e crítica, incorporando o que ler com suas experiências pessoais e de mundo. Nessa perspectiva, a leitura não pode ser considerada um aprendizado simples, pois ler não se resume a decorar ou decodificar palavras, já que é preciso que o leitor seja

capaz de atribuir significação ao texto, o que requer prática, dedicação e esforço. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (PCNs, 1997, p.41).

Portanto, tornar o estudante capaz de ler, compreender e interpretar textos literários é um dos principais objetivos da escola, tendo em vista o grande desafio de conviver harmoniosamente com os produtos tecnológicos dos quais os jovens tanto gostam e têm fácil acesso a eles bem como, em sua maioria, disponibilidade para uso cada vez mais assíduo. Por essa razão, é preciso urgentemente despertar nos jovens leitores o gosto pela arte literária, de modo que percebam a sua importância na construção e formação de um ser crítico e reflexivo, habilitado a ascender socialmente e culturalmente.

Além da cultura livresca impressa, a escola pode lançar mão do uso das novas tecnologias para inovar as práticas pedagógicas e, conseqüentemente, tornar-se uma importante ferramenta aliada ao processo de formação de jovens leitores.

2.3. O jovem não gosta de ler ou não foi “seduzido” para a leitura de obras literárias?

Muitos jovens pensam que não gostam de ler, mas muitas vezes o que lhes falta é ser apresentado ao texto, ao gênero certo, aquele que realmente possa tocar sua sensibilidade, além, naturalmente, de uma metodologia adequada à sua abordagem, conforme MACHADO, (2012, p. 60)

Fui proprietária e gerenciei uma livraria infantil por dezoito anos. Durante esse tempo, nunca encontrei uma criança ou jovem que não gostasse de ler um bom texto, se a sua aproximação com a literatura se fizesse como deve ser. Encontrei muitos que achavam que não gostavam. Mas depois descobriam que não gostavam daquele tipo de leitura que lhes estava sendo imposta. É preciso poder escolher. E ter variedade para escolher. Depois de rejeitado o primeiro livro, o segundo, quantos forem necessários, virá um que traga uma descoberta.

Sobre a escolha do tipo de leitura, Ana Maria Machado (2012, p. 60) afirma ainda que “ler é como namorar. Quem acha que não gosta é porque está com um parceiro que não lhe dá

prazer. Trate de trocar.” Leitora, escritora e estudiosa da literatura, Machado reitera o seu posicionamento ao fazer a seguinte defesa:

Assim à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma ferramenta de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. E não vou deixar ninguém me engambelar – como diz a letra do forró – nem vir com conversa fiada para eliminar totalmente da minha vida a possibilidade de dedicar certo tempo e atenção aos livros. De boa qualidade, é evidente, porque já que há tanta coisa atraente no mundo e tão pouco tempo para tudo, não vou desperdiçar minha vida com bobagem (MACHADO, 2002, p. 19).

Mediante essas constatações, o professor deve oferecer ao jovem leitor diversidades de textos para que tenha a oportunidade de escolha e possa se descobrir como leitor por meio de textos que despertem sua emoção, seus sentimentos, provocando impacto positivo. Temos de repassar ao nosso estudante que ler é um exercício de descobrimentos, pois quando nos colocamos como leitor é como se um novo mundo se abrisse para nós e passássemos a enxergá-lo com outros olhos, que diríamos mais humano, mais compreensivo, solidário com o próximo e porque não dizer mais sensíveis ao que acontece ao nosso redor.

Para o trabalho efetivo com o texto literário em sala de aula, é importante que o professor crie estratégias e metodologias que despertem no seu provável leitor, primeiramente, o gosto pelo texto literário, de modo que as práticas de leitura sejam relacionadas com o seu contexto e capazes de tocar sua sensibilidade e emoção.

Além de espaços e acesso aos livros é fundamental que lhes sejam proporcionadas práticas leitoras cativantes e mediadas. Que encontrem professores e bibliotecários leitores, valorizados, capacitados e que gostem de ler literatura e de conquistar leitores, para que esses jovens brasileiros exerçam seu direito de serem despertados pelo prazer de ler. (FAILLA, 2015, p. 24)

Nesse contexto, o professor deve ser o mediador na troca de conhecimentos no processo de formação leitora, instigando o estudante a formular seus questionamentos, seu entendimento, de maneira a participar ativamente no diálogo com e sobre o texto, fazendo inferências, levantando hipóteses, favorecendo, assim, a descoberta de um mundo de fantasias, mistérios, sentimentos, enfim que possa descobrir o leitor que existe dentro de si. Ao professor cabe “acordar” esse leitor, oferecendo-lhe textos que estimulem o desejo pela leitura literária, razão pela qual é importante que o professor conheça e respeite também as experiências prévias de leitura dos alunos, para que, a partir desse reconhecimento, possa

contribuir na escolha dos textos. Para tanto, o professor deve ter minimamente um percurso de história de leitura, pois conhecendo um vasto repertório de autores e textos certamente a escolha e a forma de apresentar uma obra pode fazer toda a diferença no seu cotidiano escolar no que se refere à abordagem do texto literário. Apesar dessas colocações, somos favoráveis à posição de Lajolo (2008, p. 42) ao defender que “qualidade de texto é imprescindível, mas não é tudo”.

As relações entre literatura e escola (e, conseqüentemente entre leitura e escola) são sutis e complexas e não se resolvem por uma melhor seleção de textos, quaisquer que sejam os critérios dessa seleção e mesmo que ela (seleção) privilegie critérios estéticos.

Com base nessas discussões, é possível afirmar que os jovens gostam de ler ou podem vir a gostar de ler obras literárias, só não foram ainda satisfatoriamente “seduzidos” para esse tipo de leitura. Sobre essa questão que caberia ainda muitas discussões, apoiamos-nos no posicionamento de Aguiar e Bordini (1993, p. 34) para quem “o esvaziamento do ensino de literatura se acentua, portanto, não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase”.

Nessa perspectiva de formar leitores, apresentamos a seguir um estudo de caso realizado com uma turma do Ensino Fundamental, abordando o gênero textual poema, a partir do Método Recepcional.

3. Literatura na sala de aula: Relatos de experiências de leitura de poemas no 9º ano do Ensino Fundamental

A coleta dos dados da experiência com prática de leitura junto à turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Bernardino Bento, localizada na cidade de Aguiar – PB, foi feita a partir das observações e análises de práticas pedagógicas em sala de aula no decorrer do Estágio Supervisionado do curso de Letras do IFPB.

A turma, campo de pesquisa deste trabalho, conta com um total de 22 estudantes, dos quais 13 são meninas e 09 meninos. Assim como acontece em qualquer ambiente de convivência coletiva, existem perfis distintos entre os membros do grupo, apresentando características e comportamentos distintos. Alguns estudantes, inicialmente, demonstraram serem muito tímidos, pois não se propuseram a falar nem interagiram nas aulas, mas no

decorrer da convivência, mostraram-se receptivos as atividades em sala, favorecendo por parte da maioria uma efetiva participação, incluído a expressão oral.

Observada a atuação dos estudantes nas atividades pedagógicas, especialmente no que tange à leitura literária, notamos a sua disposição para a leitura de poemas. Esse fato aliado ao de termos ciência de que os poemas podem ser vistos em sala de aula sob uma abordagem restrita por certos manuais didáticos que pouco valorizam as imagens linguísticas, capazes de tocarem a sensibilidade do leitor, foram decisivos para a escolha de estudarmos o gênero.

Poema é uma obra literária pertencente ao gênero literário da poesia, que pode ser escrito na forma de versos, estrofes, apresentando rimas e ritmos, ou em prosa, e tem por finalidade manifestar sentimento e emoção, através de uma linguagem que sensibiliza e emociona o leitor.

O poema é um tipo de texto que o professor não pode abrir mão de sua leitura em sala de aula, já que sua abordagem constitui um importante instrumento didático-pedagógico, capaz de desenvolver no aluno o prazer da leitura-poética e compreensão do mundo que o cerca, conforme GEBARA (2011, p. 01)

Dessa forma, ensinar poesia (em todos os seus subgêneros) é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém (o leitor), a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar e projetar) e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos.

Partindo da relevância da leitura da poesia em sala de aula, do interesse demonstrado pela turma, foco desta investigação, e compreendendo que ainda é vista – como salienta Lajolo (2008) – uma “frágil vítima da escola”, apresentamos a seguir uma prática de leitura com o gênero.

3.1. O poema na sala de aula: uma experiência vivenciada no 9º ano do Ensino Fundamental

Os alunos da turma do 9º ano da Escola Estadual Bernardino Bento, quando questionados qual o gênero era mais lido por eles, a maioria respondeu que gostava muito de

poema. Indagados quais os poemas lidos, *A valsa*, de Casimiro de Abreu; *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias e *Amor e medo*, de Affonso Romano de Sant'Anna, foram respostas quase unânimes. Tal fato pode sinalizar que os textos foram abordados em sala de aula pelo professor regente da turma, ou seja, a poesia fazia parte do repertório de leitura da turma. Foi nesse contexto de desafio, mas ao mesmo tempo de reconhecida semente de literatura já plantada pela escola, que decidimos propor leitura com poesia em sala de aula.

A linguagem poética marcada pelo jogo sonoro das palavras, pela musicalidade, pela disposição das rimas e pelas combinações de versos são elementos que compõem o poema, gênero que apresenta características peculiares que o diferenciam dos demais da literatura. Embora apresente particularidades, o poema não se prende necessariamente a tais características, já que pode aliar elementos visuais à linguagem verbal, tornando-o mais atrativo ao leitor, em especial, ao leitor infantil.

Considerando que a criança é um leitor a quem o escritor deve seduzir, uma estratégia usada nessa tarefa por escritores da literatura infantil é a ilustração dos poemas. Por meio da linguagem visual, tenta despertar a curiosidade do leitor infantil, conforme Camargo (1999, p. 01), quando defende que, “apostando na leitura da imagem e no diálogo das linguagens verbal e visual, os poemas apresentam elipses que são completadas pelas ilustrações. Ou melhor, essas elipses são possíveis porque as ilustrações dão pistas para a compreensão dos poemas”.

Despertando emoções que evocam a partir de seus arranjos linguísticos, a poesia desenvolve a imaginação, a criatividade, o lúdico e a sensibilidade do leitor. Com esse propósito, o professor deve usar metodologias que favoreçam o leitor a se sentir encantado pelo gênero. Para tanto, o professor precisa assumir algumas posturas no trabalho com poemas em sala de aula, evitando usá-los como pretexto para trabalhar gramática ou apenas como desenvolvimento da habilidade de leitura, como apresenta alguns modelos de livros didáticos. Desenvolver o gosto por esse gênero, abrir caminhos para a criatividade, as emoções e a compreensão crítica do mundo são procedimentos defendidos por especialistas, a exemplo de Pinheiro (2000), que acrescenta:

Mais que receitas, precisamos desenvolver e assumir algumas posturas quanto à leitura do poema e a leitura em geral. Atrevo-me a sugerir algumas destas posturas ao professor que deseja, em diferentes situações, levar a poesia a seus alunos: 1) não se fixar, de modo absoluto, no que deu ou não certo em experiências anteriores; 2) não buscar resultados imediatos e visíveis – nesse campo, há coisas sutis que nem sempre vemos; 3) ter constância no trabalho – é melhor ler diariamente um poema com seus alunos do que realizar um “festival de poesia”, nos lembra Drummond; e por

último, é imprescindível que o professor seja um leitor de poesia. (PINHEIRO, 2000, p.30)

Ainda que respeitemos as posturas adotadas por Pinheiro, uma maneira de apresentar um poema aos alunos é o professor começar a recitá-lo em sala. Esse procedimento instiga os leitores a realizarem esse tipo de leitura, estimula a oralidade, encorajando-os a fazerem perguntas relacionadas ao poema lido, além de deixá-los se expressarem livremente por meio da promoção de saraus literários em sala, para que possam ir se familiarizando com o texto literário. De acordo com Candido (1995, p. 249), a poesia desperta nos alunos, “exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade e do mundo dos seres, o cultivo do humor”.

Partindo desse pensamento de que o poema é uma importante ferramenta pedagógica para despertar o senso poético, a sensibilidade e a imaginação do aluno, foi trabalhado na turma do 9º ano da Escola Bernardino Bento, os poemas “A Língua do Nhem” e “Sonhos da Menina”, extraídos da obra *Ou Isto ou Aquilo*, da escritora Cecília Meireles.

É importante destacar que a autora não só produziu obras literárias, como também se mostrou atenta aos problemas que envolviam a Literatura Infantil em seu tempo, já em 1951, a partir de três conferências proferidas pela autora e reunidas em um livro que integrava a “Coleção Pedagógica” da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, publica “Problemas da Literatura Infantil”, obra que discute a literatura para esse público como capaz de estimular a imaginação das crianças. Certamente é sob a crença de que um texto literário deve estar repleto de lirismo que é produzido *Ou Isto ou Aquilo*. Essa obra representa um paradigma de uma estética lírica que consolida o enfoque do cotidiano infantil e os arranjos linguísticos inaugurados pela escritora Henriqueta Lisboa, a partir do livro *O menino poeta*, em 1943, considerado pela crítica literária como responsável pela quebra da cadeia de textos poéticos moralizantes e ideológicos.

Privilegiando o lirismo, a obra *Ou Isto ou Aquilo*, publicada no ano de 1964, é composta por 57 poemas. Nela, Cecília, com grande sensibilidade e por meio de uma linguagem simples, fala dos sonhos e fantasias que povoam o imaginário infantil. Já na apresentação da edição do livro, feita por Luciana Sandroni (MEIRELES, 2002), relançada pela editora Nova Fronteira com ilustrações de Thais Linhares, é concedida ao leitor a possibilidade expressa de “que você pode pular”, sinalizando que mais importante é a leitura

dos poemas. Leitores desobedientes, porém, terão a oportunidade de ler uma história que incentiva o mais cético leitor, independente da idade, posto que *Ou Isto ou aquilo*:

É um livro de poesias que gruda na gente. A Cecília Meireles é uma poeta que não cola bem as palavras, e aí elas cismam de cair e bailar na nossa cabeça.

[...] A Cecília fez poemas falando das coisas simples da vida: da bola, do vestido, da rua, da lua, do jardim, da amizade, da morte, dos nossos medos e das nossas dúvidas (MEIRELES, 2002, p. 8-9).

Os poemas escolhidos para desenvolvermos uma prática de leitura com a turma do 9º ano – "Sonhos da Menina" e "A Língua do Nhem" –, constam, respectivamente, da denominada Primeira parte e Segunda Parte da edição já exibida.

Para a proposta de trabalho com os dois poemas de Cecília Meireles, optamos pelo Método Receptional, norteado pela teoria da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss, com abordagem desenvolvida por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), para quem

A literatura não se esgota no texto. Complementa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.86).

O Método Receptional, proposto pelas autoras como uma alternativa metodológica no trabalho com literatura em sala de aula, exige que o professor esteja preparado para selecionar e ofertar textos referentes à realidade de seus alunos, levando-os a ruptura dessa realidade. Por outro lado, pressupõe um sujeito que esteja em constante interação com os outros, para o desenvolvimento de sua capacidade de refletir e evoluir.

Para um bom desempenho no ensino de literatura com essa abordagem, o Método Receptional apresenta cinco etapas de desenvolvimento, a saber: 1) Determinação do horizonte de expectativa; 2) Atendimento ao horizonte de expectativa; 3) Ruptura do horizonte de expectativa; 4) Questionamento do horizonte de expectativa; 5) Ampliação do horizonte de expectativa.

Nessas etapas, é evidenciada a posição do leitor, privilegiando suas expectativas e opiniões em torno e sobre a leitura para, em seguida, estabelecer o diálogo com o mediador, do texto, neste caso, o professor. Como metodologia para a prática de leitura dos poemas

"Sonhos da Menina" e "A Língua do Nhem", adotamos a descrição de cada uma das etapas que constituem o Método Receptional seguida do relato da vivência com a turma do 9º ano aqui já definida.

Na primeira etapa, *Determinação do horizonte de expectativas*, o professor deve determinar quais são os horizontes de expectativas da turma, para que, a partir dessa compreensão, elabore estratégias que colaborem com a ruptura e transformação desses horizontes. Por meio da observação do comportamento de receptividade da turma e de questionamento oral, tentamos definir esses horizontes indagando, por exemplo, quais os gêneros que os estudantes conhecem? Com quais mais se identificam? Qual gostaria de estudar? E por quê? As respostas determinaram os horizontes de expectativas da turma e o gosto por poemas, o que nos levou a indagar aos alunos referências de autor, alguma obra desse gênero. Registrada tal opção, foi fácil optar pela obra *Ou Isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, aqui já devidamente justificada, mas vale acrescentar parte da apresentação dessa obra feita por Luciana Sandroni (MEIRELES, 2002, p.9) ao defender que “são poemas bons de falar porque brincam com os sons das palavras e de repente viram música...”.

Na segunda etapa do método, *Atendimento do horizonte de expectativas*, tendo detectadas as aspirações dos estudantes, é momento de oferecer-lhes textos que correspondam às expectativas desejadas. Buscando atender as suas expectativas, foi proposto inicialmente trabalhar o poema "Sonhos da Menina", de Cecília Meireles. Inevitavelmente, seguem os questionamentos se alguém conhece a autora, se leu algum de seus poemas etc. Feito isso, procedemos a leitura oral, primeiramente pela professora mediadora, depois pelos alunos. Convém ressaltar que esse foi um momento de efetiva participação, com a visível interação da turma com a leitura do poema, que expressava ter gostado bastante da temática ali abordada, por ser um texto curto, de fácil leitura e rimas fluidas.

Sonhos da Menina

A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?

Sonho
risonho:

O vento sozinho
no seu carrinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

A vizinha
apanha
a sombrinha
de teia de aranha ...

Na lua há um ninho
de passarinho.

A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?

Na terceira etapa, *Ruptura do horizonte de expectativas*, momento destinado a oferecer textos que mexam com as certezas, os costumes dos alunos. Assim, dando-lhes condições para que percebam algo de novo, com uma abordagem temática diferente do poema anterior, foi trabalhado o segundo poema, *A Língua do Nhem*, também de Cecília Meireles, a seguir apresentado. Como os alunos já estavam curiosos e bastante envolvidos com o gênero e encantados com os aspectos sonoros e rítmicos da poetisa, a experiência tornou-se ainda mais agradável.

A língua do Nhem

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,

pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Após as leituras, discutimos os diferentes temas abordados em cada poema, reconhecendo em cada um suas especificidades, surgindo discussões calorosas, principalmente sobre o poema "A Língua do Nhem", que proporciona reflexões sobre a solidão e abandono do idoso. Essas questões tocaram visivelmente mexeram com a sensibilidade de muitos estudantes que se reportaram às várias histórias ouvidas ou vivenciadas por eles.

Na quarta etapa do método, *Questionamento do horizonte de expectativas*, resulta os alunos já preparados a pensarem sobre os vários aspectos tratados nos poemas, refletindo as descobertas e rupturas feitas até esse momento e discutindo sobre as etapas anteriores, as maiores dificuldades e os horizontes conquistados, foi instigado à produção de um texto, em forma de poema ou prosa, com o tema “solidão”.

A última etapa, *Ampliação do horizonte de expectativas*, resulta basicamente das experiências individuais e em grupo acerca das mudanças decorrentes do contato com os textos lidos. É momento ainda de refletir sobre os anseios iniciais e os pós-leitura. Como atividade, foi realizado um sarau poético, cabendo a cada aluno trazer para sala de aula um poema de Cecília Meirelles para ser recitado.

Para o êxito da experiência, os textos escolhidos tiveram grande aceitação da turma. São poemas destinados ao público jovem, que trazem uma linguagem agradável, repletos de musicalidade e suavidade, carregados de ideias que povoam a imaginação do leitor. Neles,

Cecília nos fala, com sensibilidade e talento, de paz, amor, solidariedade, solidão, enfim, sentimentos diversos tão comuns à humanidade.

3.1.2. Analisando os dados da experiência com a leitura literária

Em "Sonhos da Menina", Cecília Meireles mistura realidade e sonho, motivo pelo qual o leitor mistura realidade e fantasia. É um poema curto, com rimas fluidas capaz de despertar nos jovens esse gosto pela leitura, pois favorece o leitor a sonhar, a imaginar onde sonho e realidade se misturam, causando um sentimento de encantamento e prazer.

Já em "A Língua do Nhem", utilizando toda sua genialidade, atrelando fantasia e riso, para falar de um assunto sensível para crianças, o envelhecimento e o abandono na velhice, a poetisa cria um mundo fantasioso, capaz de mexer com o imaginário, onde os animais, por meio de uma "nova língua" ao repetirem o resmungo da velhinha, são capazes de se comunicarem com os humanos. No caso, a velhinha do texto, que vivia aborrecida e solitária sem ter com quem conversar. Essa "nova forma" de falar que aparece no poema é a forma que a velhinha encontra para acabar com a solidão em que vivia. O poema é capaz de mexer com nossa imaginação, de nos fazer imaginar um diálogo entre uma pessoa e um animal, nos leva a pensar como seria conversar com os animais em uma "língua mágica". Nesse aspecto, Cecília é capaz de trabalhar a imaginação, a fantasia, o sonho, tocando a sensibilidade do leitor e desenvolvendo seu pensamento crítico.

Um ponto importante que merece ser destacado é a linguagem usada pela escritora nos poemas, que se aproxima do leitor, pois como se trata de uma linguagem simples, cheia de musicalidade e rimas fáceis, toca nossa sensibilidade para tratar de uma temática triste de forma suave. Nesse sentido, Lajolo (2001) sugere que os poemas infantojuvenis devem trazer uma linguagem que se aproxime da cultura dos leitores, para que assim o leitor possa identificar-se melhor com o texto que está lendo, facilitando, assim, a sua compreensão sobre o que está lendo, e despertando seu gosto pela leitura. É certo que Cecília Meireles consegue alcançar tal propósito através de seus poemas que encantam o leitor. A prova disso é que a turma do 9º ano participou ativamente das leituras em sala de aula, deixando-se seduzir pelo encanto das palavras, das rimas e beleza dos versos de Meireles.

Os poemas "Sonhos da Menina" e "A Língua do Nhem" geraram discussões bastante interessantes, provocadas pelo notório envolvimento dos alunos, já que todos queriam opinar e expressar suas ideias sobre os textos. No decorrer das aulas, os estudantes foram "se relacionando melhor" com os textos, e os resultados foram bastante satisfatórios com a participação e aceitação de todos nas aulas e no trabalho com poemas.

É inegável que a literatura transmite a visão cultural da humanidade, estabelecendo uma relação entre o homem e a natureza, estimulando a fantasia. Mesmo que as tecnologias existentes para entretenimento concorram com o texto literário, a escola tem chances de fomentar nos jovens a leitura literária, de modo que o aluno vá adquirindo o gosto pela prática e torne a atividade parte do seu cotidiano. A intensificação da interação texto/leitor, através de procedimentos pedagógicos adequados, provoca nos educandos uma maior compreensão do texto e uma percepção mais abrangente do contexto em que está inserido, haja vista o papel fundamental da literatura na formação do ser humano, na conscientização de valores e princípios.

A partir da experiência do estágio, foi possível perceber que a importância do papel que a literatura exerce sobre o indivíduo precisa ser intensificada pela oferta de textos literários aos alunos, pois, como aconteceu no 9º ano, os alunos passam a ter uma outra visão da realidade, tornando-se mais críticos e solidários ao que acontece ao seu redor. Esse fato pode ser comprovado após a leitura do poema "A Língua do Nhem". Feita a discussão da temática sobre o abandono ao idoso, os alunos mostraram-se solidários à questão, com afirmação por parte de muitos de que pensariam melhor na forma de tratamento de seus avós e parentes idosos, reconhecendo-os como pessoas com experiência de vida que podem lhes ensinar valores importantes.

Uma obra literária pode, pois, mostrar a realidade de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto. A literatura, portanto, não pode ser utilizada apenas como "pretexto" para o ensino de atividades repetitivas que pouco acrescenta para a fruição do leitor, para a formação do indivíduo como sujeito de valores humanos, crítico, social, ético. Para que uma obra literária seja utilizada como objeto mediador do conhecimento, ela necessita estabelecer relações entre teoria e prática, possibilitando ao educador atingir determinadas finalidades educativas. Segundo a estudiosa Nelly Novaes Coelho, a Literatura infantil é

Uma abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 1991, p. 5).

Apesar de a literatura ser capaz de nos conduzir para um universo fascinante de conhecimentos, curiosidades, fantasias, maneiras diversas de ver o mundo, muitas crianças e jovens não são motivados para leitura. Mas por que isso acontece? Que falta ou como trabalhar a literatura em sala de aula, de modo que incentive e desperte nos jovens o gosto pela leitura? Não temos respostas satisfatórias para tais questionamentos que parecem ser bastante comum, já que, conforme lembra Nicola (2015, p. 17), “nos dias atuais, percebemos que o trabalho com a leitura tem se tornado uma preocupação para os professores de uma forma geral e se transformando em alvo de várias discussões nos meios acadêmicos”. Diante do exposto, é preciso que a escola abra espaços para que os alunos vivenciem práticas de leituras e possam ir desenvolvendo essas práticas, conseqüentemente, adquirindo o gosto pela leitura ao longo da vida.

Como docente, precisamos despertar nos jovens a leitura prazerosa, em contrapartida a uma leitura imposta pelo professor, descontextualizada da realidade do aluno, sucedendo muitas vezes uma visão de leitura como uma tarefa “chata” e “cansativa”. Tendo o professor como mediador nesse processo, é possível possibilitar abordagens de leituras que propiciem ao aluno conhecer, inferir e construir significados e até respostas sobre o mundo que o rodeia, transformando-o num leitor crítico, consciente, questionador perante a realidade.

Desenvolver práticas de leitura com poemas no 9º ano foi uma experiência muito rica, pois comprovamos que, quando o texto é apresentado ao aluno sem imposição, sem exigências meramente didáticas, mas com metodologias que incentivem à sua autonomia, opinando, indagando, concordando ou discordando de opiniões distintas, formando seu próprio pensamento crítico, o estudante vai rompendo seus horizontes de expectativas e sentindo-se motivado a conhecer novos textos.

Durante o período de estágio na turma do 9º ano Fundamental II, verificamos que inicialmente alguns alunos apresentavam falta de interesse e certa resistência em ler textos literários, especialmente obras literárias. Parte deles se mostraram reservados para a participação nas atividades com leitura, outros alegaram não gostarem de ler, mas, quando foram “apresentados” aos poemas de Cecília Meireles, descobriram que na realidade não

gostavam do que lhes eram oferecidos ou como eram oferecidos, ou seja, de maneira impositiva para fins de atividades de interpretação textual, resolução de questionários, enfim meios meramente didáticos avaliativos, sem nenhuma intenção de despertar nesses jovens o gosto e o prazer pela leitura de textos literários. Essa experiência demonstrou como é importante que o professor esteja atento aos textos e à forma como estão sendo trabalhados, procedimento pedagógico que contribui para a formação literária do leitor à medida que propõe desenvolver seu senso crítico, com autonomia, estimulando a curiosidade e a criatividade.

Também, pudemos perceber, por meio das observações com estudantes e docentes da escola onde realizamos o estágio, que a literatura infantojuvenil ainda é pouco trabalhada em sala de aula. Justificativa de alguns professores é o pouco tempo para as aulas de literatura e, quando abordam os textos, confessam focar em conteúdos referentes aos estilos de época das escolas literárias, ou seja, não é dada a literatura, especialmente infantojuvenil, à sua devida importância para formação do leitor jovem.

A prática do ensino de literatura juvenil em sala de aula revela deficitária quando se relaciona à formação de leitores críticos e competentes. Logo, é importante que a escola busque despertar o interesse desses jovens pela leitura literária, uma vez que, “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade.” (CANDIDO, p. 175).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, foi possível perceber o importante papel da leitura na vida do indivíduo bem como a importância da escola na formação do leitor. Por isso é necessário que esta repense suas estratégias de leitura e procure inovar nas suas práticas pedagógicas. Partindo da teoria para fundamentar este estudo, ao concluir o objetivo ao qual se propôs este trabalho, ao discutir e ao refletir sobre o papel da escola e a importância do ensino da

literatura infantojuvenil na formação do leitor, percebemos a necessidade de os professores dedicarem maior atenção ao trabalho com textos literários, inovando e repensando suas metodologias, além de ofertar aos alunos textos que lhes sejam atrativos, com temas contextualizados a sua realidade, de maneira que possam ampliar o seu leque de preferências por textos literários. Portanto, a leitura deve ser incentivada tanto pela escola como no convívio com os familiares, pois mais que um passatempo é uma necessidade, conforme Cecília Meireles, “a Literatura não é como tantos supõem um passatempo. É uma nutrição.” (Meireles, 1984, p. 32).

Para Cecília Meireles (1984), a literatura é uma necessidade e direito do ser humano, pois alimenta a imaginação, a fantasia por meio do texto, da linguagem usada pelo autor. Daí a importância de os educadores fomentarem nos jovens a sua inserção nesse mundo de fantasia, de ilusão, de sonhos, descobertas, enfim esse universo mágico que a literatura é capaz de mostrar e criar. Sendo a escola um espaço no qual as crianças e os jovens passam grande parte do tempo e onde estabelecem o contato com os diferentes gêneros, nada mais natural que seja privilegiado o desenvolvimento pelo gosto da leitura.

Ao longo do período do estágio de observação e atuação, podemos afirmar que a literatura tem um papel importantíssimo na vida dos indivíduos, já que pode contribuir efetivamente, quando bem trabalhada nas escolas pelos professores, para a formação intelectual, pessoal e moral dos sujeitos, de modo que possam exercer o seu papel como cidadão crítico.

A Literatura Infantojuvenil deve ser trabalhada e incentivada, não só nas escolas, mas também pelos familiares desde os primeiros anos, para que as crianças e adolescentes possam desde pequenos ir adquirindo o hábito e o gosto pela leitura. Refletir sobre a importância que a literatura infantojuvenil exerce sobre os novos leitores tem sido a preocupação de muitos escritores, críticos e estudiosos ao longo dos anos, por exemplo, Candido (1995), Lajolo (2008), Machado (2002), pois sabemos que um país letrado só é possível quando se tem a preocupação em formar leitores assíduos, competentes, críticos e apaixonados pela leitura.

Os poemas trabalhados com os alunos nesta pesquisa tiveram grande aceitação e participação da turma, por serem poemas que trazem uma linguagem coloquial, rimas agradáveis, de fácil leitura, temas interessantes para discussão, permitindo com que os alunos apreciassem e gostassem das aulas. Com riqueza expressiva e sonora, capaz de encantar e

povoar a imaginação do leitor através do sonho, da fantasia, mistérios e solidariedade, Cecília Meireles pôde causar encantamentos aos jovens leitores dessa turma do Ensino Fundamental.

Foi possível perceber também que os jovens gostam de ler, embora muitas vezes não se sintam motivados a fazê-lo. Ao terem tal percepção, revelam quanto é interessante o universo da leitura, especialmente destinados ao público jovem, por permitirem ver o mundo com outros olhos, capazes de refletir sobre situações, muitas vezes vivenciadas por eles ou alguém conhecido.

A literatura de fato nos torna mais humanos, mais sensíveis, e as crianças e jovens precisam descobrir que ela pode nos transformar, permitindo-nos enxergar situações vivenciadas por nós ou por outras pessoas de forma mais compreensiva e tolerante. Nessa perspectiva de contribuir com a formação de leitores, tentamos cumprir com o estabelecimento de interação entre o leitor e a obra literária, de maneira que encontrem significados múltiplos na leitura, compreendendo o texto e sua relação com o mundo que os cerca, construindo e elaborando novos significados do que leu. Para tanto, reconhecemos a necessidade do efetivo trabalho do professor que, com abordagens de métodos eficazes, podem estimular a adentrar o universo imaginário do leitor jovem.

Acreditamos que decidimos pelo caminho que julgamos mais adequado ao processo de formação de leitores, mas a exemplo do convite feito por Luciana Sandroni (MEIRELES, 2002, p.9) para a leitura da obra de Cecília Meireles, deixamos a indagação: “E você? Quer subir pelos ares ou ficar no chão?” Cabe a esses leitores, decidir se é isto ou aquilo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ALVESIBI, Januária Cristina, A Educação Literária e a formação de leitores. In **Carta Educação**. Disponível em: <www.cartaeducacao.com.br/reportagens/a-educacao-literaria-e-a-formacao-de-leitores>. Acesso em 20 out. 2016.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.
- CAMARGO, Luis. **Poesia infantil e ilustração**: estudo sobre ‘Ou isto ou aquilo’ de Cecília Meireles. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. Acesso em 04 jan. 2017.
- _____. **A Poesia infantil no Brasil**. Palestra apresentada no LAIS – Instituto Latino-americano – da Universidade de Estocolmo, e no Instituto Sueco do Livro Infantil, Estocolmo, Suécia, em outubro de 1999. Disponível em: www.blocosonline.com.br/versaoanterior2/literatura/prosa/artigos/art021.htm. Acesso em: 05 out. 2016.
- CANDIDO, Antonio. O direito da literatura. In. _____ **Vários escritos**. 3. ed. Ver. E ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CECCANTINI, Joao Luis C. T. **Leitura e Literatura Infanto-Juvenil**: Memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica: Assis, SP: ANEP, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática, São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- DUARTE Cristina Rothier; FORMIGA, Girlene Marques. **Contos da carochinha, de Figueiredo Pimentel**: análise morfológica do conto chapeuzinho vermelho. Anais VI ENLIJE. V. 1, 2016, ISSN 2317-0670. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV063_MD1_SA2_ID332_30062016135357.pdf>. Acesso em 15 fev. 2017.
- FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptações de clássicos literários**: uma história de leitura no Brasil. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2009.

FAILLA, Zoara. A formação do professor para a formação de leitores. **Revista Língua & Literatura**. 2015.

GEBARA, Ana Elvira. **Reflexões sobre o ensino de poesia**. 2011. Disponível em: <<http://portuguesdeosasco.blogspot.com.br/2011/05/reflexoes-sobre-o-ensino-de-poesia.html>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JOBIM, José Luis. Autoria, leitura e bibliotecas no mundo digital. In JOBIM, José Luis (org.). **Literatura & Informática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

_____. **Um Brasil para Crianças: para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos**. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (org.). **Monteiro Lobato, livro a livro – obra infantil**, São Paulo: UNESP, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MACHADO, Ana Maria. Sangue nas veias. In: FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil 3**, Capítulo 1- Sangue nas veias - São Paulo: Imprensa Oficial do Est. SP, 2012. Disponível em: <http://www.blogdogaleno.com.br/2014/08/20/retratos-de-um-jovem-leitor>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MATOZZO, Viviane Maria Forstner. A importância de Monteiro Lobato na Literatura Infantil Brasileira. **O Guari Revista Eletrônica de Literatura**, 2009. Acesso em: 20 ago. 2016.

MEIRELES, Cecília. **Ou Isto ou Aquilo**. Editora Nova Fronteira, 1964.

_____. **Problemas da literatura infantil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NICOLA, Kelly Brambilla Kolano. **Poema na Sala de Aula: Estratégias para a formação do aluno leitor**. Três Lagoas – MS. 2015.

PINHEIRO, Helder. Poemas para crianças e jovens. In: PINHEIRO, H. (org.). **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PEREIRA, Elana de Jesus, FRAZÃO, Gabrielle Carvalho, SANTOS, Luciana Castro dos; **Literatura Infantil: O valor da leitura para a formação de futuros leitores.** Maranhão, 2014.

ROSCHER, Renato. <http://almanaque.folha.uol.com.br/monteirolobato.htm>. Acesso em: 24 ago. 2016.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013.

SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso, SABADINI, Aparecida Angélica Z. Paulovic, ROSA, Célia Regina de Oliveira, AMORIM, Antônio Marcos; Artigo Científico Dos Fundamentos à Submissão. Parte 2: Artigo Científico: Estrutura e Conteúdo. Biblioteca Dante Moreira Leite do IPUSP, 2011.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. Um panorama da literatura para crianças e jovens. In SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.) **30 anos de Literatura para crianças e jovens: algumas leituras.** Campinas/SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1998.

SETZER, Valdemar W. **Meios Eletrônicos e Educação: nova vida ou destruição?** São Paulo: Department of Computer Science, University of Sao Paulo, 2001. Disponível: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/artigo-rev-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar.** Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

SILVA, Rosa Maria Gracioto. **Os Contos de Fadas no Mundo Lobatiano.** Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/1800/1567>> Acesso em: 27 dez. 2016.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infantojuvenil brasileira vai muito bem, obrigada!.** São Paulo: DCL, 2006.